Pensar a partir da luta: entrevista com Françoise Vergès

Thinking from Struggle: An Interview with Françoise Vergès

Pensar desde la lucha: entrevista con Françoise Vergès

Rachel Cecília de Oliveira
Universidade Federal de Minas Gerais
E-mail: rachel-cecilia@ufmg.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6497-6465

RESUMO

Nesta entrevista, Françoise Vergès revisita os fundamentos de sua formação política e intelectual, articulando experiência vivida, elaboração teórica e prática militante. Ao rememorar sua infância na Ilha da Reunião, marcada pela militância anticolonial de seus pais, pela circulação de repertórios intelectuais não europeus e pela percepção precoce do racismo e da repressão estatal, a autora explicita as bases de uma reflexão orientada pela crítica à dominação. Ao longo da conversa, discute a centralidade de categorias como capitalismo, imperialismo, racismo, patriarcado, despossessão e consentimento, insistindo na teoria como instrumento de inteligibilidade e arma de revolta. A entrevista aborda ainda sua crítica à universidade como espaço de neutralização da experiência, bem como sua leitura do museu como instituição mortífera, vinculada a formas ocidentais de classificação, preservação e autoridade cultural. Por fim, Vergès analisa os limites do feminismo liberal e universalista, reafirmando a necessidade de um feminismo antirracista, anti-imperialista e atento às vidas tornadas mais vulneráveis pelo capitalismo. O conjunto oferece um panorama de seu pensamento, evidenciando a inseparabilidade entre vida e pensamento.

Palavras-chave: *Françoise Vergès; feminismo descolonial; anticolonialismo; racismo; capitalismo; crítica institucional.*

ABSTRACT

In this interview, Françoise Vergès revisits the foundations of her political and intellectual formation, articulating lived experience, theoretical elaboration, and militant practice. Recalling her childhood on Réunion Island, marked by her parents' anticolonial militancy, by the circulation of non-European intellectual repertoires, and by an early perception of racism and state repression, the author lays out the bases of a reflection oriented by a critique of domination. Throughout the conversation, she discusses the centrality of categories such as capitalism, imperialism, racism, patriarchy, dispossession, and consent, insisting on theory as an instrument of intelligibility and a weapon of revolt. The interview also addresses her critique of the university as a space for the neutralization of experience, as well as her reading of the museum as a mortifying institution linked to Western forms of classification, preservation, and cultural authority. Finally, Vergès analyzes the limits of liberal and universalist feminism, reaffirming the need for an anti-racist, anti-imperialist feminism attentive to the lives rendered most vulnerable by capitalism. Taken as a whole, the interview offers an overview of her thought, highlighting the inseparability of life and thought.

Keywords: *Françoise Vergès; decolonial feminism; anticolonialism; racism; capitalism; institutional critique.*

RESUMEN

En esta entrevista, Françoise Vergès revisita los fundamentos de su formación política e intelectual, articulando experiencia vivida, elaboración teórica y práctica militante. Al evocar su infancia en la Isla de la Reunión, marcada por la militancia anticolonial de sus padres, por la circulación de repertorios intelectuales no europeos y por la percepción temprana del racismo y de la represión estatal, la autora explicita las bases de una reflexión orientada por la crítica de la dominación. A lo largo de la conversación, discute la centralidad de categorías como capitalismo, imperialismo, racismo, patriarcado, desposesión y consentimiento, insistiendo en la teoría como instrumento de inteligibilidad y arma de revuelta. La entrevista aborda además su crítica a la universidad como espacio de neutralización de la experiencia, así como su lectura del museo como institución mortífera, vinculada a formas occidentales de clasificación, preservación y autoridad cultural. Por último, Vergès analiza los límites del feminismo liberal y universalista, reafirmando la necesidad de un feminismo antirracista, antiimperialista y atento a las vidas convertidas en las más vulnerables por el capitalismo. En su conjunto, la entrevista ofrece un panorama de su pensamiento, poniendo en evidencia la inseparabilidad entre vida y pensamiento.

Palabras clave: *Françoise Vergès; feminismo decolonial; anticolonialismo; racismo; capitalismo; crítica institucional.*

Data de submissão: 08/04/2026
Data de aprovação: 22/04/2026

Entrevistadora:

Eu quero começar com uma pergunta, ao mesmo tempo, muito simples e muito difícil: quem é Françoise Vergès?

Françoise Vergès:

Eu diria, antes de tudo, que ser filha de um pai e de uma mãe que eram militantes comunistas anti-coloniais na Ilha da Reunião foi absolutamente formador para mim. Cresci nessa abertura ao mundo, nessa abertura às lutas, aos combates. As discussões aconteciam no almoço, no jantar, isso foi fundamental para minha formação. Na minha casa, chegavam jornais do mundo inteiro, de Cuba, da Rússia, da União Soviética, da China, da Índia. Então estávamos numa ilha minúscula, sob dominação francesa, mas ligados ao mundo e às suas lutas. Isso foi decisivo.

Minha mãe era uma grande leitora de literatura, por isso, li muito cedo romances que não eram apenas da literatura francesa. Lembro, por exemplo, que li Jorge Amado aos doze anos. Eu conhecia Jorge Amado antes de ele ser conhecido na França. Eu lia autoras e autores de vários lugares do mundo. Meus pais recebiam livros, traduções, porque havia esse desejo de fazer circular autoras e autores do mundo inteiro.

Então Françoise Vergès, quando menina, cresce nessa atmosfera bastante específica. Havia, de um lado, a educação recebida na escola francesa, totalmente clássica, e, de outro, a que eu recebia em casa. E a que recebi em casa foi dez vezes mais importante para mim do que a que recebi na escola. Meus pais participavam de reuniões públicas; minha mãe era jornalista e feminista, ela ia ver as mulheres que trabalhavam nos campos de cana-de-açúcar, e eu a acompanhava. Eu estava com elas, então, ainda pequena, vi o que era a dominação, mesmo sem ter todas as palavras para nomeá-la.

Meus pais eram muito engajados. Isso contou muito, com a ideia de que as coisas não são naturais, de que o mundo é produzido por forças sociais. Havia também uma consciência muito precoce do racismo, primeiro na escola, depois na sociedade. Por isso, desenvolvi uma cólera contra as injustiças, uma grande cólera que continua viva. Acho isso absolutamente insuportável. Eu diria que essa menina e essa adolescente se formaram nesse ambiente. Portanto não descobri na universidade, pelos textos, a questão da dominação e da exploração, eu já a havia compreendido.

Outra coisa que entendi muito cedo é que o Estado é um instrumento de repressão, uma instituição de repressão. Na escola, pela literatura, pelos romances, pela geografia, o que aprendíamos era sobre a França. Não aprendíamos nada sobre o nosso país. Mas, ao mesmo tempo, esse Estado não hesitava em reprimir, bater, matar, prender, censurar. Isso foi para mim uma lição imensa que permaneceu. É o Estado que viola, é a polícia, é o juiz, como diz a canção das chilenas.[1] E isso eu compreendi muito cedo, mesmo sem ainda ser capaz de fazer uma teoria sobre.

Entrevistadora:
É possível sentir essa cólera nos seus textos. Ela é muito perceptível, foi o que senti quando li seus livros. Nesse sentido, quando você olha para a sua trajetória, é possível identificar uma questão que sempre a acompanhou?

Françoise Vergès:
Como pôr fim ao capitalismo, ao imperialismo, ao racismo e, portanto, ao patriarcado. E, a partir daí, como pensar constantemente em derrubar esse sistema.

Entrevistadora:
Como você descreveria os principais eixos conceituais do seu trabalho?

Françoise Vergès:
Não sei se existe propriamente um eixo conceitual, mas há algo que me move, e isso é a curiosidade de perguntar: Por que é assim? O que explica isso? Quais são os mecanismos de funcionamento? Eu diria que se trata de compreender os mecanismos da dominação, mas também do consentimento; e, daí, compreender aquilo que faz com que nos revoltemos. O que me ajudou a trilhar o meu caminho foi entender o que é o Estado e o que é o capital. São mais noções do que um sistema fechado, por isso a questão da dominação e da exploração precisa ser sempre

escavada. Não há uma única coisa que explique tudo de uma vez. É preciso sempre retomar. Trata-se mais de um método do que de uma doutrina acabada. A compreensão nunca se esgota, é preciso sempre retrabalhar, repensar, porque tudo isso é dinâmico, nunca fixo.

Entrevistadora:

Você diz, frequentemente, que não descobriu o feminismo nos livros, mas no território, acompanhando sua mãe e os movimentos de mulheres. Como isso moldou sua relação com a teoria?

Françoise Vergès:

Essa é uma ótima questão. Eu abordo a teoria a partir da experiência. Quando vi algo e constatei sua existência, me pergunto: "Quais ferramentas me permitirão explicar esse algo?". A teoria foi extremamente importante para mim, mas há sempre a experiência vivida. Ela não deve ocupar o lugar da teoria. A teoria é absolutamente essencial, mas, para mim, ela deve ser formulada da maneira mais clara possível. É preciso que ela se torne ferramenta, que ela se torne arma de revolta.

Entrevistadora:

E você acha que a universidade apaga aquilo que acontece na realidade?

Françoise Vergès:

A universidade apaga muito. Uma das coisas que certamente contou para mim é que eu não descobri isso na universidade. Cheguei a ela mais tarde. Fiz meu *baccalauréat*,[2] vim para a França e fui para a universidade, mas não suportei aquilo. Muito rapidamente, entrei no mundo da militância. Fiz pequenos trabalhos, depois fui jornalista e editora no movimento de mulheres. Quando chego à universidade, portanto, já tenho toda uma bagagem de leituras, discussões, reuniões teóricas, provenientes de minha atuação na militância. Então abordo a teoria com paixão, mas a universidade não é, para mim, o único lugar nem o lugar supremo.

Percebo que a universidade educa para um tom neutro, supostamente objetivo. Ela ensina que é preciso ver tudo de maneira distanciada. É uma educação para a respeitabilidade, para falar de certa maneira, para a pessoa mostrar que foi devidamente formada. Na verdade, é um adestramento disciplinar. Como fui militante e trabalhei antes de entrar na universidade, tive muito cedo dificuldade com as coisas excessivamente abstratas. Aquilo me entediava. Eu me entediava nos colóquios. Há também uma maneira de falar que dá a impressão de que as pessoas falam de coisas

longínquas, à distância, como se não houvesse ali nada de vital. E, no entanto, muitas vezes são pessoas que trabalharam enormemente, que sabem muito, mas falam de seus assuntos como se fossem objetos distantes e não algo que as atravessa.

Não há paixão na restituição desse aprendizado. A universidade ensina a retornar, para os estudantes e para o público em geral, a experiência com aquilo que nos move de maneira completamente neutralizada. Não neutra, neutralizada, pacificada. Há uma forma de pacificação na universidade. Não é que eu queira que a fala individual esteja o tempo todo no centro, mas falta algo de encarnado. O mecanismo da pacificação sempre me interessou. Sempre busco entender como o Estado, a escola, a universidade, a família, nos ensinam a abaixar a cabeça e a não fazer muito barulho.

Entrevistadora:
Nos seus livros, tudo parece muito interconectado, houve, na sua trajetória, momentos de virada?

Françoise Vergès:
Houve mudanças, sim, mas eu diria que segui aquilo que a vida me oferecia naquele momento. Por exemplo, eu não havia planejado ir para os Estados Unidos, isso não estava nos meus planos. Em 1983, eu havia militado muito no movimento de mulheres na França. Havia lutas internas, processos entre grupos, não era um bom momento. Havia também uma pacificação, uma institucionalização do feminismo, e eu estava sem trabalho. Mulheres francesas que eu conhecia e que estavam nos Estados Unidos, na Califórnia, disseram que a mãe de uma delas precisava viajar, era uma senhora idosa, e me perguntaram se eu não queria acompanhá-la. Pensei: "Por que não? Será uma pequena viagem". Eu deveria ficar uma semana e fiquei quatorze anos.

No começo, trabalhei e rapidamente me tornei ilegal, porque tinha entrado como turista. Eu estava em San Diego, na fronteira com o México. Ali vivi uma exploração total por parte de mulheres que me diziam toda semana que fariam o processo de legalização dos meus documentos, mas isso nunca acontecia. Além disso, vivi o racismo daquela região, dirigido sobretudo às pessoas vindas da América Central e da América do Sul. Cheguei em 1983, e, já em 1984-1985, havia muita discussão sobre a construção de um muro e sobre a invasão das pessoas de cor. Eu tinha cabelos longos, pretos, encaracolados, e muitas vezes pensavam que eu era latina. Eu dizia a mim mesma que iria acabar sendo presa e expulsa. Mas eu não queria voltar a morar na França, então comecei a

pensar em como permanecer nos Estados Unidos. Voltei à França, e ninguém me deteve na alfândega, mas, quando fui ao consulado estadunidense em Paris para pedir o visto para retornar, me disseram: "Faz dois anos que partiu e permaneceu lá; deve ter trabalhado ilegalmente". Eu respondi que não, mas o consulado se recusou a me dar o visto.

Então, pensei, vou entrar pelo México. Peguei um avião com uma rota específica para evitar os Estados Unidos: Paris–Moscou, Moscou–Havana, Havana–Cidade do México, Cidade do México–Tijuana. Cheguei a Tijuana e entrei no processo de obtenção de documentos para entrar legalmente aos Estados Unidos. Isso foi possível porque, na época, os consulados ainda não estavam conectados. Percebi rapidamente que não conseguiria entrar sem uma justificativa razoável. Eu não era estudante, logo, não tinha direito a visto de estudante. Precisava encontrar outra solução. Liguei para um amigo em San Diego e propus um visto de casamento, ele diria que iríamos nos casar, e eu entraria como sua futura esposa.

Eu morava, então, em Rosarito, uma pequena cidade ao sul de Tijuana. Ele ia me visitar e iniciamos o processo. Isso foi muito interessante para mim, porque vivi a experiência do que significava fazer documentos num consulado estadunidense do sul global. Havia muita gente, filas desde as quatro da manhã, com pessoas passando o dia debaixo do sol e pessoas que dormiam na rua para serem as primeiras a serem atendidas.

Eu tinha um passaporte europeu. As demais, além de mexicanas e mexicanos, eram, muitas vezes, pessoas fugindo da guerra em El Salvador, na Guatemala, em Honduras. Fugiam de guerras fomentadas pela própria CIA.[3] Conversávamos enquanto esperávamos. Foram horas, meses, e era um processo de humilhação constante; para fazer você entender que, se lhe concedessem o visto, era porque estava de joelhos, beijando os pés dos estadunidenses. Eu estava parcialmente protegida porque era a noiva de um estadunidense branco (latino, mas branco) e porque tinha um passaporte francês. Além disso, se tudo desse errado, eu podia voltar para a França. Durante seis meses, vi esse processo de humilhação de muito perto.

Entrevistadora:

Conheço muitas pessoas que passaram por esse tipo de experiência. Existe um podcast em espanhol, *No vengan!*, sobre a trajetória de pessoas que cruzam a América Central desde a Venezuela a pé até algum lugar da fronteira. Nessa cruzada, a humilhação assume todas as formas possíveis.

Tenho parentes e pessoas próximas que viveram esse tipo de situação, e algumas que foram deportadas. É uma experiência terrível.

Françoise Vergès:

Tenho uma lembrança muito forte da vistoria médica. As mulheres eram separadas. Nós atravessávamos a sala com aquela pequena camisola de papel que dão em hospital, portanto seminuas, e em fila. Havia um médico, um homem, que passava e tocava nossos seios para ver se havíamos tido filhos, tocava nossa barriga, perguntava quantos filhos havíamos tido ou não. Era de uma brutalidade e de uma humilhação inacreditáveis. Havia meninas de doze anos, mulheres idosas, mulheres como eu, que tinha, então, cerca de trinta anos. Guardo disso uma memória de violência imensa. Depois que consegui os documentos, entrei nos Estados Unidos e pude trabalhar legalmente. Foi aí que decidi voltar à universidade.

O que quero dizer é que os pontos de virada foram bifurcações não planejadas, ocorridas devido a situações que se apresentaram. É um pouco como quando saí da Ilha da Reunião aos dezesseis anos para ir à Argélia fazer o *baccalauréat*. Eu não havia dito para mim mesma: "Vou para a Argélia." Mas eu precisava sair da Ilha da Reunião, pois pensava que nunca teria meu diploma, já que brigava com todo mundo no colégio – não suportava mais. Como eu não podia entrar num colégio na França, porque o ano letivo já havia começado, meu tio, que morava na Argélia e tinha sido advogado dos nacionalistas argelinos, me disse: "Venha para Argel, porque o liceu francês será obrigado a te aceitar". Foi assim que fui parar em Argel. A Argélia também contou muito na minha vida. Descobri ali um país que, para mim, tinha lutado contra o colonialismo francês e vencido. Eu estava em plena admiração. Isso acrescentou muito à minha educação política e cultural. Descobri ali música, mundos e sensibilidades.

Então, sim, houve bifurcações. A estrada está ali, e aparece uma bifurcação por razões diversas, e eu a tomo em vez de seguir em linha reta. Quando você fala em virada, eu diria que se tratou mais de oportunidades que se apresentavam e que eu agarrava, sem planejamento prévio. Eu adorava a Argélia. Quando voltei para lá para viver, pensei inclusive em me estabelecer ali. Comecei a aprender árabe. A França não me atraía. Mas eu também tinha amigas e amigos argelinos que queriam partir porque a situação se tornava insuportável, e eu os segui.

Cada lugar onde vivi foi um lugar de educação política. Quando eu estava no México, era um momento de grande inflação. Era preciso carregar maços de dinheiro para comprar um quilo de tomates. De manhã custava vinte mil pesos; à tarde, trinta e cinco mil. Isso também foi uma experiência muito importante para mim, entender o que significa, na vida cotidiana, uma economia assim. Logo, cada bifurcação foi um momento de educação.

Entrevistadora:

E foi a partir dessas situações vividas que você elaborou seus conceitos?

Françoise Vergès:

Cada experiência vivida acrescenta algo à reflexão. Ela traz novos elementos, novos questionamentos. E há também o fato de estar com as pessoas, de aprender com elas. Por exemplo, eu já conhecia um pouco da história do México, da Revolução Mexicana, porque em casa eu aprendia isso. Mas quando estava vivendo no país, por vários meses, em Rosarito – que era então uma cidadezinha, com a cidade de Tijuana um pouco adiante – eu não trabalhava e não estava na universidade, então minha experiência foi outra. Li muito, mas sobretudo conversei com as pessoas. Todos os sábados à noite havia música, e as pessoas dançavam na praça. Eu ia, participava.

Percorri bastante a *Baja California*[4] para ver, para compreender. As paisagens contam muito para a imaginação. As palavras e as paisagens. Aquelas paisagens não eram as que eu tinha conhecido antes. Há também os sabores, as cozinhas, a descoberta dos gostos, e tudo isso contribui para a forma como apreendo o mundo, portanto também para o meu trabalho. Nada pode permanecer fixo.

Lembro-me de uma viagem a El Salvador, durante a guerra civil. Fui com uma amiga estadunidense e uma jovem que falava muito bem espanhol, de origem centro-estadunidense, creio eu. Fomos convidadas por um grupo de mulheres chamado *Asociación de Mujeres por la Dignidad y la Vida (Las Dignas)*.[5] Algumas dessas mulheres haviam sido presas, torturadas, estupradas. Estávamos ali para recolher testemunhos e levá-los para os Estados Unidos, a fim de mobilizar as pessoas contra a guerra sustentada pela CIA.

Num sábado à noite, eu disse: "Quero sair. Quero ver o que as pessoas fazem numa capital em guerra, num sábado à noite. Será que a vida continua?". Fomos a um restaurante, depois fomos dançar. O que me impressionou foi que, de fato, uma parte da vida continuava. De um lado, víamos passar caminhões militares, com soldados de rosto assassino. De outro, havia restaurante, gente, música, vida. A única diferença é que, na entrada do lugar onde fomos dançar, não se deixava o casaco, mas as armas. Havia grandes gavetas que se abriam, e víamos as armas. A guerra estava ali, lembrada na porta. Mas, uma vez lá dentro, as pessoas dançavam. De um lado, a violência, a brutalidade, a guerra; de outro, a vida. Isso me fez pensar muito. Me ensinou a não ter visões englobantes. Não se trata simplesmente de dizer que "as coisas são complexas", essa expressão não explica grande coisa. Trata-se antes de reconhecer que a vida é sempre múltipla. É preciso guardar isso.

Entrevistadora:

Quem foram, ao longo do tempo, suas interlocutoras e seus interlocutores?

Françoise Vergès:

Na Ilha da Reunião, foram sobretudo as pessoas que estavam em torno dos meus pais e que eu admirava muito. Camponeses pobres, mas grandes militantes. Contou muito eu ter ido à casa deles e conhecido suas vidas. A escuta contou muito, pois meus pais não queriam, absolutamente, que nos tornássemos pequenos burgueses. Na Argélia, primeiro vieram as mulheres que haviam lutado durante a guerra e que tive o privilégio de conhecer. Eu era como uma menina diante de ícones, de grandes heroínas. Depois, na França, vieram os militantes antirracistas; os comitês Palestinos; e os migrantes da Ilha da Reunião, com quem organizávamos festas para arrecadar dinheiro, para financiar as coisas. A discussão sobre a situação era constante. Então era, antes de tudo, o mundo militante, muito mais do que o universitário, meu espaço de interlocução. Durante todos os meus anos na França, foi isso.

E eu sempre procurei o vínculo com pessoas do Sul global, mais do que com europeus. Às vezes, os europeus me entediavam demais, porque havia algo de profundamente eurocêntrico em seu jeito de ver o mundo. Era estreito, entediante. Nos Estados Unidos, quando fui para a universidade, existiam as feministas, as militantes, que se tornaram minhas amigas. Isso foi muito importante. E depois, vieram os artistas. A oportunidade de trabalhar com artistas, de ter longas conversas com

eles e com, por exemplo, Isaac Julien[6] ou com Stuart Hall.[7] Ainda hoje, na França e na Ilha da Reunião, minhas interlocuções passam muito por militantes e intelectuais militantes, pelo mundo da arte e por artistas engajados, mais do que por universitários.

Entrevistadora:
Lélia Gonzalez dizia que era negra antes de ser mulher. Como é para você?

Françoise Vergès:
Eu sou anticolonial antes de ser mulher. Sou profundamente anti-imperialista antes de ser mulher. É isso que me leva a pensar.

Entrevistadora:
Em que momento, e por qual mediação, você percebeu que os debates exigiam também enfrentar as políticas da arte e dos museus?

Françoise Vergès:
Na Ilha da Reunião não havia museu. Mas houve um movimento cultural e artístico anticolonial do qual participei, ainda muito jovem e, depois, adolescente. Tratava-se de afirmar que temos uma língua, uma história, uma cultura, que não são francesas e que não são as de uma região da França. Estamos no Oceano Índico. Estamos num eixo África-Ásia. Nesse eixo, a Europa é uma periferia. Essa geografia cultural foi fundamental para mim.

E a literatura sempre foi muito importante. Eu preciso ler romances; não posso ler apenas ensaios. Leio muita literatura. A questão da imaginação é, portanto, essencial. O cinema também foi muito importante. Houve uma época em que eu ia ao cinema três vezes por semana. Sempre que tinha tempo, ia ver tudo. Hoje vejo mais coisas em plataformas, por falta de tempo, mas a questão da imagem e da representação sempre me interessou.

Houve um momento, na adolescência, em que eu queria ser montadora de cinema. A questão da montagem me fascinava. A questão da criação e da transformação da matéria em alguma coisa sempre me apaixonou. Eu não sou artista, mas costuro. E o fato de uma superfície plana se tornar volume, quando se faz um vestido ou um casaco, sempre me fascinou. Tenho um pedaço de tecido, ele é plano, e depois se torna volume. É esse processo de transformação que me interessa.

Sou fascinada por quem tece. Eu sou incapaz de fazer isso, mas o que me interessa é essa passagem de uma coisa a outra. É a mão e a cabeça juntas, mas também o olhar, a audição, todos os sentidos, transformando algo em volume, em som, em dança, em performance. Isso me apaixona.

Ora, é precisamente isso que o museu apaga. Vemos um objeto pronto, como numa vitrine. Mas quem o fez? Que mãos? Que ideias? Tudo isso desaparece. Quando vou a ateliês de tecelagem, acho fascinante ver fios que se cruzam, se tensionam, e se tornam um tecido maravilhoso, com cores, com um grafismo que aparece diante dos olhos. É isso que me interessa, e é isso que o museu apaga.

Eu gosto imensamente do que chamamos de objetos usuais. Quando viajo, também olho colheres de madeira, objetos do cotidiano, e o incrível cuidado com o belo que tantos seres humanos têm. A necessidade de fazer com que seja harmonioso, que haja ali alguma coisa. Não é "apenas" uma colher; nela se acrescentam incisões, uma forma, uma atenção. O museu mata isso e depois fabrica gênios, apagando o processo de criação.

Entrevistadora:
Foi a partir disso que você desenvolveu sua crítica ao museu?

Françoise Vergès:
Sempre me interessei pela cultura como forma de resistência, porque eu sempre me interessei pela escravidão colonial. Há uma maneira de abordar a escravidão que trata as pessoas escravizadas como se elas tivessem sido totalmente apagadas de tudo, mas isso não é verdade. As pessoas escravizadas levadas para a Ilha da Reunião chegaram com sua língua, com seu saber, com seus sonhos. Elas não deixaram de sonhar, de olhar as flores ou as nuvens, de se apaixonar, de se enfurecer, de ter os sentimentos de um ser humano. Inventaram línguas e continuaram seus rituais. Isso é muito importante. Dizer que não se perde tudo, que não há um apagamento total, é imprescindível. É claro que há pessoas quebradas, destruídas, mas também há criações. Por isso a questão da criação sempre foi fundamental para mim.

Nesse sentido, o museu me interessou como espaço de pacificação, mas também de mentira. Eu quis analisar isso de perto. Vou muito a museus. Quando viajo, procuro sempre saber quais museus existem e vou. Não apenas museus de arte, mas museus etnológicos, museus de culturas

populares, entre outros. Quero ver qual é o discurso exposto, como aquilo que entra no museu se transforma em objeto morto. Qual é o mecanismo da morte de um objeto que já foi algo querido. Quando entro em certos museus e vejo estátuas de deusas e de deuses, representações que agora estão mortas, penso que eram deusas para as quais se levavam oferendas, flores, comida; contava-se a elas a vida, pedia-se proteção para uma criança, para uma companheira. No museu, elas não passam de um pedaço de pedra ou de madeira, órfãs, arrancadas do seu lugar, de seu templo. Acho isso terrível. E quando os museus fingem colocar flores em volta, como se houvesse ainda um ritual, isso não me dá o direito de trazer uma vela, não posso trazer frutas, não posso me ajoelhar, senão vão me expulsar de lá. Esse processo de sufocamento e de morte me impressiona enormemente.

Entrevistadora:

Em seu livro, você fala do museu como um problema que não se resolve com meros ajustes. O que lhe parece possível, exatamente?

Françoise Vergès:

Acho que há muita pouca coisa possível em relação aos museus. É claro que, se houver lutas por melhores salários, por justiça racial, por justiça social, eu as apoiarei. Mas não creio que o museu seja reformável. Há algo de mortífero nele. O museu mata alguma coisa. É um lugar onde não se pode tocar, não se pode rir, não se pode dançar. É uma invenção ocidental em que tudo é transformado em coisa sagrada, não no sentido da espiritualidade, mas no sentido da distância. Está acima de tudo. É vertical.

Portanto, não penso que ele possa ser reformado. Penso que é preciso inventar outra coisa, inventar novas formas. Hoje existem, no mundo, iniciativas que pensam modos de conservar, de preservar – diante da rapidez com que as coisas estão sendo destruídas. Olhe para Gaza, lá todos os museus foram destruídos, os sítios históricos, os sítios arqueológicos. Isso não gerou nenhum escândalo. Então para quem luta para mudar o mundo, as questões passam a ser: Como vamos preservá-lo? O que quer dizer conservar? e A partir de quando a conservação se torna conservadora, no sentido político do termo?

Também é preciso aceitar que há coisas que podem se perder. Isso não é necessariamente grave. Haverá sempre história, a vida continuará. E a vida também é feita de perdas. Então, hoje, me parece que o esforço deve recair menos sobre salvar o museu e mais sobre inventar o que vem depois. O museu é uma invenção do século XVIII, e estamos no século XXI. No entanto, a forma quase não mudou. A arquitetura é praticamente a mesma em toda parte, do Brasil à África do Sul, passando pela Hungria ou pela Índia. Há algo, na própria arquitetura e no funcionamento dessa instituição, que pertence ao modelo hegemônico ocidental. Não deveríamos fazer o esforço de imaginar outra coisa?

Às vezes me perguntam: "Sim, mas o quê?". Eu respondo: "Trabalhemos, imaginemos!". No ano passado, recebi uma bolsa para um projeto chamado *Imagine the Post-Museum,*[8] em Londres e em Paris. Em Londres, durante uma oficina, fiz a seguinte pergunta: "Se amanhã soubermos que o *British Museum* vai ser esvaziado, que vai fechar, o que fazemos? Há oito milhões de objetos no *British Museum*. Corremos para salvar o museu? Ou dizemos, paciência, temos outras coisas a fazer?".

Foi interessante. Algumas pessoas diziam que há tesouros da humanidade e que é preciso salvá-los, apesar de tudo. Outras respondiam que temos outras coisas a fazer, e, se se perder, perdeu; há coisas do século IX que jamais conheceremos, e, ainda assim, continuamos vivos. Outras ainda imaginavam transformar o museu, mantendo os objetos, mas instalando ali salas de reunião, salas de aula, um hotel para refugiados. O que me parece importante hoje é esse trabalho de imaginação. Temos esses lugares, o que fazemos com eles? Deixamos que morram de sua própria morte? Reinvestimo-los? Como?

Entrevistadora:
Seu livro *Um feminismo decolonial* provocou muitas reações, às vezes muito intensas. O que, na sua opinião, foi mal compreendido?

Françoise Vergès:
Eu não diria que houve mal-entendido. Acho, antes, que algumas pessoas compreenderam muito bem que não haviam feito o trabalho que deveriam ter feito. Elas pensam que, apesar de tudo, fizeram esforços. Mas pouco importa o esforço, essa não é a questão. Elas não descolonizaram o feminismo delas. Continuam achando que o feminismo delas é naturalmente bom. Lembro-me de

um programa em que me colocaram diante de uma feminista universalista. Eu sequer respondia a certas perguntas, pois eu não tenho de explicar as coisas para elas. Por que caberia ainda a nós educá-las? Eduquem-se a si mesmas. Por que deveríamos carregar o peso da sua educação? O Sul carrega o peso da existência da Europa há séculos, para que possam ter uma vida boa. Somos nós que produzimos o café, o abacate, os tapetes de yoga, tudo isso. E agora ainda precisaríamos produzir a educação política? Não. Trabalhem. Nós já trabalhamos para erguer todo o peso das mentiras do Ocidente e para descobrir o que podia ser a descolonização. Então trabalhem. Por que ainda seria preciso conduzi-las pela mão?

Há também, nelas, um desejo constante de estar em primeiro plano, de ocupar o centro da cena. Ora, uma coisa que os colonos querem absolutamente é estar sempre no palco. Se você diz a elas que fiquem de lado, que podem permanecer, mas não estarão no centro, elas não suportam. Elas querem ser o sujeito da conversa. Dizer-lhes que não serão o sujeito da conversa, que precisam se descolonizar, isso se torna insuportável para elas. Às vezes dizem que tiveram feministas contra a escravidão. E eu respondo que é possível ser antiescravista sem ser antirracista. É possível querer o fim da escravidão e não querer o fim do racismo. Não é a mesma coisa. Do mesmo modo, é possível ter sido feminista no anticolonialismo sem ser antirracista.

Elas não compreendem que o colonialismo tem a ver com o racismo estrutural e com a divisão do mundo tal como ela é. Continuam a acreditar que mulheres muçulmanas com véu são oprimidas por natureza, que mulheres negras são exploradas por natureza porque homens negros seriam, por natureza, violentos. Elas não se livraram disso. Não estão livres desses esquemas. Basta ver como algumas continuam a apoiar guerras imperiais em nome da salvação das mulheres. E, para elas, só importa a dominação masculina. Ora, para muitas mulheres, o problema não é apenas a dominação masculina, é não ter o que comer, não ter água, não ter trabalho, não ter moradia. Há violência, e essa violência também é a polícia de vocês, o exército de vocês, o sistema econômico de vocês. Ele age com uma brutalidade permanente.

Entrevistadora:

No Brasil, é muito comum ouvir: "Eu não sou feminista." Mas muitas mulheres não se entendem como feministas porque o problema delas é ter o que comer, ter moradia, ter como viver. O fato de ser mulher não está ausente da experiência delas, mas existem urgências mais imediatas.

Françoise Vergès:

Eu compreendo isso perfeitamente. Eu mesma, durante muito tempo, não me disse feminista. Hoje, digo isso também para que o feminismo não seja simplesmente capturado pelas burguesas brancas. Fora isso, eu me situaria antes do lado da libertação de toda a sociedade, do mundo, e não apenas da libertação das mulheres, num sentido restrito. Quando eu era pequena, eu vi as mulheres dizerem que as crianças não tinham o que comer. Moravam em casas em que, quando chovia, tudo ficava molhado. Havia baratas. Não havia escola por perto, não havia dinheiro para o uniforme nem para os livros. A filha queria ser médica e lhe diziam que acabaria sendo empregada doméstica. Esses eram os problemas. Nessas condições, o discurso feminista pode parecer totalmente desligado da realidade. E concordo inteiramente com isso. Dizem-me que há muitas mulheres que não se dizem feministas. Eu respondo que isso não é grave. Não me causa nenhum problema. O que importa é o que elas fazem. Elas participam da luta pela libertação? Isso me basta.

Eu disse *um* feminismo, não *o* feminismo. Não se trata de uma injunção. Podemos ter um feminismo que leve em conta a desapropriação, as desigualdades profundas? Foi isso que vi muito cedo com minha mãe. Crianças sem sapatos, tendo que caminhar duas horas para ir à escola e duas horas para voltar. Hospitais onde se é mal-recebida e que faltam remédios, enquanto os pequenos burgueses passam na frente de todos e são atendidos imediatamente. O sistema capitalista faz com que a vida se estreite muito. É a isso que continuo presa. Dizer "eu tenho direito" e "meu corpo me pertence" é falar a partir de uma determinada posição social.

Entrevistadora:

No Brasil, a violência em geral diminuiu, mas a violência contra as mulheres tem aumentado a cada ano, assim como contra as crianças. Há uma estatística terrível, pois a maioria das pessoas estupradas tem menos de dezenove anos, e a maior parte está entre onze e dezesseis anos.

Françoise Vergès:

Sim, há aí uma violência dirigida às mulheres e às crianças, ou seja, às mais vulneráveis. Mas também é preciso perguntar: "Por que essa sociedade, esse sistema, essa economia, fabricam essa vulnerabilidade?". Para muitos homens, a única maneira de ser homem parece ser a

capacidade de ser violento. Os modelos oferecidos são homens como Bolsonaro e seus semelhantes, ou Trump e sua família. A questão do dinheiro é central. O que muitos jovens veem? Homens com muitos carros, muitas mulheres, muito dinheiro. E isso é poder.

Às vezes ouvimos jovens dizerem: "Quero ser influencer para ganhar dinheiro", e não cirurgião, advogado ou encanador. O horizonte oferecido como realização de si é o dinheiro, dinheiro e mais dinheiro. Nunca houve tantos bilionários no mundo. E com esse dinheiro vem também o poder de violar crianças, de violar mulheres, de tratar pessoas como carne. Já não é mais o corpo, é carne que se pode violentar, mutilar. O que está acontecendo é terrível. Aimé Césaire dizia que o colonialismo conduz ao embrutecimento. Há algo, na economia simbólica e na economia real, que conduz a esse embrutecimento.

Entrevistadora:
Você sabe que seu trabalho se tornou muito importante no Brasil? Nas universidades, mas também em outros espaços de luta e mobilização?

Françoise Vergès:
Sim, eu sei. Quando *Um feminismo decolonial* foi traduzido, fui contactada por mulheres do Nordeste brasileiro, numa cidade muito pequena. Eu depois fui ver onde ficava. Fizemos um encontro por Zoom. Eram mulheres afro-brasileiras, umas quinze, e conversamos por duas horas. Isso me tocou muito. Os livros são como garrafas lançadas ao mar, não sabemos quem os apanhará do outro lado.

Entrevistadora:
Depois de décadas de engajamento político e teórico, que futuro você vê para a luta feminista e antirracista?

Françoise Vergès:
Vejo um grande futuro, justamente porque vivemos uma grande contrarrevolução global, com partidos fascistas e de extrema direita no poder – na Argentina, no Chile, na Índia, na Hungria, nos Estados Unidos e em outros lugares. É um movimento de retrocesso em relação a lutas muito fortes. Há um pânico entre esses patriarcas brancos supremacistas (Bolsonaro e companhia) diante

do imenso movimento de mulheres no México, na Argentina, no Chile; dos movimentos trans, queer; dos movimentos dos povos indígenas; do *Black Lives Matter*; da resistência palestina – e isso os enfurece.

Vivemos, portanto, uma contrarrevolução terrível, com recuos inclusive em temas que pareciam adquiridos, como o aborto ou a contracepção, e com o desejo de nos empurrar de volta para a cozinha. Existe uma força reacionária que quer impedir a liberdade e a igualdade. E isso não diz respeito apenas às mulheres, mas também aos povos. O Ocidente imperialista só aceita a soberania sob as condições que ele próprio dita. Você pode ser um povo com um Estado, mas eles dizem em que condições essa soberania será exercida. Vocês produzirão apenas café, ou petróleo; os salários serão menores; será imposta austeridade; haverá menos educação, menos saúde pública. Todos esses programas de austeridade impostos há muito tempo na América do Sul e na América Central destruíram os serviços públicos. Evidentemente, foram os mais pobres que sofreram. Depois isso chegou à África e à Ásia.

Há, assim, uma contrarrevolução cujo objetivo é manter a dominação, a exploração e a desapropriação. Nós o vemos nas guerras imperialistas de hoje. Mas isso também significa que é preciso continuar a mobilização e, sobretudo, a educação política. É preciso educar-se, coletiva e individualmente, num feminismo antirracista e anti-imperialista. Para mim, é preciso partir das pessoas tornadas mais vulneráveis pelo capitalismo. Se essas pessoas forem livres, então a sociedade será livre. Eu parto das mais exploradas, das mais desapropriadas, não da burguesia nem da pequena burguesia. Se compreendemos por que elas são exploradas, como, por quem, e se lutamos com elas, então é aí que estão as questões importantes. E é também um feminismo que leva a sério a questão ambiental, o racismo ambiental, a terra e a água, que são necessidades vitais. É isso, para mim, que são as lutas feministas hoje. Certamente não apenas os "direitos das mulheres", no sentido de uma igualdade abstrata com os homens. Até por que, quais homens?

Entrevistadora:
Qual de seus livros você considera o mais representativo do seu pensamento?

Françoise Vergès:

Eu não saberia dizer, porque cada livro responde a uma questão singular, cada um corresponde a uma necessidade. Há, no entanto, algo que me toca muito, as conversas que fiz com Aimé Césaire. Isso não responde exatamente à sua pergunta, mas conta muito para mim. Césaire era amigo do meu avô e do meu pai. Eu o tinha visto em casa, quando criança.

Depois, nos anos 2000, percebi que se falava dele como se ele já estivesse morto. E pensei: "Mas ele não está morto". Então lhe enviei uma carta, uma garrafa ao mar, dizendo que talvez ele não se lembrasse de mim, que eu o tinha visto quando era uma menininha, mas que gostaria de fazer entrevistas com ele. Na semana seguinte, recebi um telefonema da secretária dele, dizendo: "O senhor Césaire não entende por que você ainda não está aqui. Como você escreveu, ele está esperando. Ele é idoso, é preciso vir logo."

Peguei um avião no dia seguinte. Foi profundamente comovente encontrá-lo, já muito velho, um ou dois anos antes de morrer. Em certo momento, ele pegou minha mão e disse: "Você sabe, Françoise, é terrível envelhecer. É terrível envelhecer. A cabeça ainda está toda ali, mas o corpo já não responde". Fiquei profundamente abalada. Ele também fazia questão de que déssemos um passeio de carro pelo seu país, para me mostrar os lugares: "Aqui há isso; ali há aquilo". Achei aquilo muito bonito, um presente imenso. Não era como se eu fosse simplesmente uma jornalista ou uma universitária indo fazer uma entrevista. Senti que ele falava também com a neta de um homem que conhecera e com a filha de um homem com quem havia lutado. Foi muito comovente.

Entrevistadora:

Mas tem algum livro no qual você tenha colocado seu coração?

Françoise Vergès:

Eu coloco meu coração em todos os livros. Em cada caso, trata-se de uma pergunta que me obceca e à qual eu preciso absolutamente responder. Torna-se impossível fazer outra coisa enquanto eu não tiver trabalhado essa questão. Ela fica martelando na minha cabeça, e então eu me ponho a trabalhar, e me pergunto: "Por que é assim? O que isso quer dizer?". Preciso compreender. Não há nenhum livro que tenha sido uma encomenda, no sentido de eu ter pensado que é preciso escrever sobre algo porque é necessário. Cada livro nasceu de uma cólera ou de uma pergunta.

Entrevistadora:

Para terminar, como você gostaria que um verbete definisse sua contribuição sem reduzi-la?

Françoise Vergès:

Talvez dizendo: "Ela trabalha".

Este trabalho está disponível sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

NOTAS

1 A performance de "Un violador en tu camino" foi criada pelo coletivo feminista, de Valparaísco, Lastesis, em 2019.
2 Versão francesa do Exame Nacional do Ensino Médio – Enem.
3 Agência Central de Inteligência dos EUA.
4 Estado mexicano no norte do país.
5 Associação de mulheres pela dignidade e pela vida (As Dignas).
6 Artista, cineasta e professor britânico radicado nos EUA.
7 Sociólogo e teórico cultural jamaicano radicado na Inglaterra.
8 Imaginar o pós-museu.